

O PAPEL DA CRÍTICA DE MÍDIA ESPECIALIZADA E A LEITURA CONTRA-HEGEMÔNICA DA NOTÍCIA¹

Silvia Valim²

RESUMO

Questionar o atual jornalismo e como consequência a crítica de mídia existente nos grandes meios de comunicação. Este é o propósito principal deste artigo que pretende apresentar possibilidades de uma crítica especializada sob o olhar da sociedade. Através da mídia alternativa e da comunicação popular seria possível identificar os interesses por trás da notícia e da crítica? Para responder esta e outras questões utilizaremos autores como José Luiz Braga, Wilson Gomes, Denis Moraes e Pascual Serrano.

Palavras-chave: Comunicação popular. Crítica de mídia. Mídia alternativa. Crítica especializada.

A popularização da internet é o cenário perfeito para um Serviço de Atendimento ao Consumidor ‘à rede aberta’. Esquecido pela sociedade, o SAC foi substituído especialmente pelas redes sociais que viraram um campo minado de reclamações. Poucas são ponderadas e fundamentadas. Quase nunca atingem o alvo almejado. Ao invés de explicar os fatos a quem pode resolvê-los, as palavras soltas nas ondas cibernéticas chegam a outros consumidores que decidem por levantar uma guerra contra a instituição ou pessoa em questão, ainda que esta não tenha tido o direito de defesa. A discussão vira uma bola de neve muitas vezes impossível de ser interrompida e/ou que, no fim de seu percurso deixa um rastro de devastação sem

¹ Trabalho inscrito para o GT Comunicação e Sociedade do VII Encontro de Pesquisa em Comunicação – ENPECOM.

² Graduada em Jornalismo e especializada em Jornalismo Literário. É mestrandia do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Paraná. Email: valimsilvia@gmail.com

possibilidade de alcance para quaisquer reparações. Eis aí o papel da crítica de mídia: Elencar tópicos que sejam realmente enriquecedores tanto para argumentação do crítico quanto para compreensão do criticado e, conseqüentemente, do leitor/ouvinte. Afinal, para quê criticar sem que haja uma leitura construtiva para quem a recebe? É quase como perguntar qual é o papel da crítica de mídia?

Distinto da opinião, a proposta da crítica é ler as entrelinhas da notícia. Jornalismo deve ser de interesse público, e a crítica de mídia entra como um dos caminhos para a garantia desse direito.

Existe uma necessidade indiscutível de fortalecer a crítica entre os espectadores do atual telejornalismo. Papel realizado por meios alternativos de comunicação, que “atuam como uma ferramenta para a comunicação no campo popular, sem deixar de lado a militância social, ficando implícito que jornalistas e/ou comunicadores devem estar dentro do conflito, sempre com a clara tendência a democratizar a palavra e a informação”. (MORAES, 2009: 232) São também veículos que muitas vezes não tem qualquer vínculo com governo. São independentes comercialmente e, portanto, não possuem qualquer compromisso com a esfera governamental. Para MORAES (2008: 11) “tanto no âmbito físico quanto no virtual veículos alternativos repõem, mesmo que com raio de abrangência muito inferior à dos meios massivos, a circulação social de conteúdos críticos e contra-hegemônicos.”

Um destes veículos pode ser facilmente utilizado como objeto de estudo. O site Rebelión, criado em Madrid em 1996, surgiu quando a internet ainda não era uma promessa de suporte rentável. Portanto, facilmente crê-se que, neste período, quem o abraçasse tinha objetivos isentos de qualquer fim monetário. Na época, nem mesmo o El País³, considerado o mais influente jornal da Espanha, tinha um website. A discussão sobre o fim do jornal sequer tinha se alastrado como hoje. Em compensação, à partir daí surge a discussão da internet como um meio democrático e participativo que até então é levantado. O conceito de democracia digital apresentado por Gomes (Miguel & Biroli: 2010), por exemplo, é uma ideia que ainda exige “um padrão de controle das ferramentas da teoria democrática tão elaborado quanto o requerido pelo domínio das ferramentas e dispositivos digitais” o que, segundo o autor, “nos permitirá alcançar um patamar um pouco mais elevado na fundamentação da ideia de democracia digital”.

³ Jornal espanhol de circulação diária com a maior tiragem do país (Média de 450 mil exemplares por dia). De propriedade do Grupo PRISA foi fundado em 1976 no período de transição para a democracia.

Mas antes mesmo que estudos sobre internet e democracia tão avançados quanto este acontecessem, Pascual Serrano, fundador do Rebelión, já tinha em mente nos anos 90 a proposta de criar uma agência de notícias internacionais para abastecer meios alternativos que utilizam a comunicação como instrumento contra-hegemônico. E para fundamentar sua concepção listou as crises existentes nos meios de comunicação. Dentre as seis anotadas – mediação, credibilidade, objetividade, autoridade, informação, distribuição – é preciso evidenciar a que talvez seja o start para toda a discussão existente hoje no jornalismo: a crise de credibilidade.

Para Serrano (2013) o público não confia mais nos meios de comunicação, por motivos que Ramonet lembrou em 2005. Casos como o do jornalista do The New York Times, Jason Blair, considerado o prestígio do periódico e que “falsificava fatos, plagiava artigos copiados da internet e chegou a inventar dezenas de histórias, que com frequência foram reportagens de capa”. Outro escândalo ficou por conta do jornal Americano USA Today com o repórter Jack Kelley, descoberto por inventar relatos extraordinários entre os anos de 1993 e 2003.

Quando essa falta de credibilidade da grande mídia fica em evidência é inevitável que a crítica entre no mesmo barco, pois não devemos esquecer que a imprensa se expandiu e se tornou um negócio que, segundo Traquina (2005), tem como objetivo principal obter lucros e expandir a circulação. É por isso que da mesma forma que surge a dúvida ‘*será que essa informação é mesmo verdadeira?*’ pode surgir para o expectador o questionamento ‘*será que essa crítica é mesmo fundamentada ou apenas comprada?*’.

Ater-nos-emos mais no segundo questionamento neste artigo, ainda que seja de relevante interesse o primeiro. Mas quanto à veracidade dos fatos, apenas o acompanhamento de várias fontes de informação somado à avaliação de credibilidade do veículo seguido seriam uma solução rápida para a dúvida colocada. Já na outra questão é preciso afixar-se em vários outros fatores que requerem uma leitura mais específica da informação.

Antes de levantar os critérios de avaliação da notícia para a crítica de mídia é preciso apontar a atual formação da rede noticiosa pesquisada por Traquina (2005, p.190). E

a lógica por trás da colocação da rede noticiosa pressupõe uma compreensão 1) da seriedade que existe na relação entre jornalistas e fontes, 2) do investimento que é feito no cultivo das fontes, e 3) dos critérios de avaliação que os membros da tribo jornalística utilizam na sua interação com os diversos agentes sociais”.

Autoridade, produtividade e credibilidade da fonte são fundamentais na escolha do jornalista, porém “o jornalista pode utilizar a fonte mais pelo que é do que pelo que sabe”, o que Traquina chama de *hierarquia da credibilidade*, já que a tendência é acreditar na autoridade da posição, o que recai comumente no uso das *fontes oficiais*. Uma rotina confortável do fazer

jornalístico, apontada por Bennet, Gressett e Haltom (1985:2) como uma relação simbiótica, já que fontes e jornalistas beneficiam-se da troca.

Para os jornalistas os benefícios são: 1) a eficácia; 2) uma maior estabilidade no trabalho e, 3) uma autoridade que valida a notícia. Para as fontes oficiais, os benefícios são: 1) a publicitação dos seus atos; 2) possivelmente, uma saliência social; e, 3) o reforço de sua legitimidade.

Apesar de toda exposição dos autores, não só o critério de utilização das fontes deve observado na produção da notícia, como, especialmente, as relações de poder que as mesmas podem proporcionar. São relações como essas que podem gerar o chamado ‘jornalismo chapa branca’⁴, definido como um jornalismo que veicula conteúdos de interesse da área governamental. São meios ou profissionais do jornalismo que privilegiam uma visão dos fatos, usualmente amparada por quem a quer divulgar. Esses sobrevivem justamente desse trabalho que é pago via publicidade, benefícios fiscais ou privilégios diretos aos proprietários, dirigentes, gerentes, entre outros. Para Gans (apud Traquina; 1979, p.81) “na realidade, fontes, jornalistas e público coexistem dentro de um sistema que se assemelha mais ao jogo da corda do que a um organismo funcional inter-relacionado. No entanto, os jogos da corda são decididos pela força: e as notícias são, entre outras coisas, o exercício do poder sobre a interpretação da sociedade.”

Traquina, concluindo seu estudo, afirma que o jornalismo ‘é um Quarto Poder que defende sobretudo o *status quo*, mas periodicamente realiza o seu potencial de contra-poder”.

Com isso, como crer na isenção da notícia, seja em reportagem como na própria crítica de mídia? Ou, melhor, como identificar a notícia isenta da notícia carregada de interesses? Todos esses apontamentos acima caminham para a compreensão de nossa resposta sobre como identificar uma crítica fundamentada.

Para um debate social concreto a crítica especializada – que não possui ‘estatuto de conhecimento superior’, conforme colocado por Braga (2006) – é a indicada para apresentar perspectivas e proposições. Algumas observações que devem ser percebidas pelo leitor conforme proposição de Braga (2006: 51) são:

- a) Apenas o teor crítico, relacionado a conceitos assumidos sobre a sociedade; ou

⁴ Jornalismo chapa branca, segundo definição de Paulo Nogueira, diretor editorial do site de notícias e análises Diário do Centro do Mundo, é “a defesa, pelas palavras ou pelo silêncio, da ‘plutocracia predadora’. E o conseqüente abandono do interesse público”.

- b) Observar a crítica enquanto relacionada com seu ponto de operacionalidade na sociedade, ou seja, enquanto gesto social. Por essa segunda perspectiva, que assumimos, toda crítica é interessada e participante – na sociedade. Trata-se então de reconhecer e observar o ângulo segundo o qual a crítica se inscreve (ou seja, é necessariamente “interna”, mas não à mídia, e sim à sociedade), em contraste com uma pretensão de exterioridade que, evidentemente, apenas a crítica acadêmica pode alegar (o que não significa necessariamente realizar).

A afirmação é de que não há como excluir qualquer opinião ou crítica feita pelo leitor/ouvinte/telespectador. No entanto, podemos pensar no papel da crítica de mídia construtiva, que pretende ser mais que mera captadora de ideologias políticas e econômicas implícitas nas páginas alternativas ou comerciais do jornalismo. Porém, outro questionamento se faz necessário: Como a crítica pode ser lida com um olhar que não esteja condicionado à influência de especialistas da comunicação?

É o que busca responder uma turma de jornalismo da Universidade Federal de Ouro Preto, a UFOP. Estudantes do segundo ano sob a coordenação da professora doutora Juçara Gorski Brittes mostram na prática a possibilidade de construção de um jornalismo mais imparcial, ao menos para quem o lê. Um exercício da turma de Crítica de Mídia⁵ da Universidade resultou no Blog *Cítrico* sustentado por críticas produzidas pelos próprios estudantes para estimular e monitorar a atividade. O Blog funciona como um acervo de textos produzidos pelos estudantes e aberto para leitura da comunidade. Ali os alunos expõem suas observações de forma fundamentada e não apenas em cima de opiniões pessoais. Para exemplificar, um dos trabalhos foi a crítica do Caso Pasadena. Um dos textos analisou a construção discursiva do acontecimento em reportagens veiculadas no site G1 e Estadão⁶. O primeiro meio de comunicação trouxe como manchete o seguinte título: ***“Transação levantou suspeitas de evasão de divisas e superfaturamento. Presidente Dilma era conselheira da estatal na época da negociação”***. Já o segundo foi apresentado da forma seguinte: ***“ ‘Dilma não pode fugir à responsabilidade’ diz ex-presidente da Petrobrás”***. Nos dois casos, os alunos perceberam que “os veículos estão tentando construir um escândalo de corrupção. A informação que recebe maior visibilidade é o envolvimento da Presidente Dilma no caso e não as questões relativas ao valor do negócio e à produtividade da refinaria”⁷. A proposta do blog, portanto, “é

⁵ O Blog Cítrico – Citricamente Crítico pode ser acessado pelo link <http://www.jornalismo.ufop.br/criticademidia/>

⁶ Acesso possível pelos sites <www.g1.com.br> e <www.estadao.com.br> respectivamente.

⁷ A crítica pode ser conferida na íntegra em <<http://www.jornalismo.ufop.br/criticademidia/?p=1291>>

praticar o direito que têm, enquanto cidadãos, de exigir um jornalismo de qualidade, voltado para o interesse público⁸”.

O aprendizado culminou em uma parceria com um grupo de adolescentes participantes do Centro de Referência da Assistência Social Volante Bairros (CRAS), órgão ligado à Secretaria Municipal de Desenvolvimento Social e Cidadania da Prefeitura Municipal de Mariana, em Minas Gerais. A concepção é baseada na leitura crítica de jornais, sobretudo locais. Os alunos da UFOP têm o papel de mostrar aos integrantes do projeto como é o processo de produção de um jornal: a busca da notícia e das fontes tanto para confirmação dos fatos quanto para entrevista, a redação do texto, a escolha do título e da gravata, entre outros. As atividades incluem ainda leituras, análises em grupo, oficinas e produção de textos. No conhecimento da estrutura de produção também foram incluídas as explicações sobre possíveis interesses por trás das notícias. No primeiro semestre do projeto – que ainda não foi concluído até a presente data – a proposta é fazer com que os participantes produzam matérias de estímulo à leitura. As famílias também participam e são semanais os debates sobre a mídia com o grupo. O programa intitulado ‘São Pedro na Rede’, que ainda é recente (fundado em março de 2014), foi transformado em um projeto de extensão e quer ampliar o trabalho para outras modalidades como programas de rádio e tv.

Na perspectiva da Crítica da Mídia, os veículos de comunicação, por meio de seus conteúdos, são responsáveis, em grande parte, pelos processos de formação de opinião. Os indivíduos, a partir do que ouvem, leem e veem, estocam informações que lhes oferecem elementos para entender o mundo a partir de uma perspectiva específica. Portanto, entender o processo de elaboração de notícias, conhecer as rotinas jornalísticas, observar interesses que possam estar embutidos na eleição de fatos a serem noticiados, contribui para que o receptor das informações possa formar uma visão crítica do jornalismo e da realidade⁹.

É justamente o que BRAGA (2006) propõem para a crítica jornalística. Para o autor, o setor trata com algumas limitações a crítica especializada observando apenas padrões muito superficiais da notícia como “proposições de gosto pessoal afirmado como “*verdade*”,

⁸ Texto de autoria da professora Juçara Brittes extraído do link interno “pra que serve o cítrico” do Blog Cítrico cujo acesso está disponível no endereço descrito na nota três.

⁹ Texto sem menção do autor extraído da apresentação do blog São Pedro Na Rede disponível em <<http://saopedronarede.wix.com/saopedronarede>> e acessado em 22/08/2014 às 22:54:16.

interpretações de “*autoridade*”, trabalhos de julgamento em termos de “*bom/mau*”.” (p. 48: Grifo meu) Uma crítica que não alimenta o debate social sobre a mídia.

[...] o mais relevante no trabalho da crítica não é oferecer afirmações peremptórias que digam *o que são e como funcionam* a mídia e seus produtos, mas sim a possibilidade de contribuir com critérios diversificados, procedimentos e “vocabulário” para que os usuários da mídia exerçam e desenvolvam sua própria competência de seleção e de interpretação do midiático, e para que participem com eficácia do debate social sobre a mídia. (p. 48)

O que Braga defende, portanto, é uma junção da crítica social com a crítica especializada, pois, em suas palavras “quanto maior a disjunção (a ausência de passagens e interlocução entre a crítica “de sociedade” e as críticas especializadas) menos estas últimas [*críticas especializadas*] são socialmente relevantes, mesmo quando profundas, seja porque não ouçam as questões concretas da sociedade (e apenas pretendam “dizê-las”), seja porque, apartadas das questões concretas, se perdem em abstrações.” (p. 49: Colchetes e grifo meu) Ou seja, ao mesmo tempo que o autor não quer que haja uma prevalência da crítica especializada “sobre outros tipos de comentário social”, o mesmo não defende a substituição “da fala da crítica pela “fala da rua”, ou de que aquela deva simplesmente “descer à rua”.”

Percebemos interações entre a crítica especializada e os comentários do mundo concreto. Aquela pode (em determinadas condições) fornecer vocabulário crítico, informação básica, métodos de aproximação – em suma, “conhecimento”. Pode estimular o interesse de “criticar” (se a crítica *fizer sentido* no ambiente extra-universitário). Já a crítica socialmente vivenciada oferece seus processos sociais, a base de realidade a ser investigada, uma percepção de objetivos, focos e interesses “vivos”, procedimentos e “lógicas” com validade social concreta – em suma, o que Roberto Schwarz (1978) chama de “problemas do lugar”. Essa perspectiva contrasta com a ideia de distanciamento e objetividade. (p.49)

Esse distanciamento e, ao mesmo tempo, aproximação entre crítica especializada e crítica “de sociedade” favorece não somente o crítico especialista, quanto o leitor da crítica e, consequentemente a própria sociedade. O que percebemos no Blog Cítrico, que citamos anteriormente, é a formação de um crítico especializado sob a ótica do ainda estudante de jornalismo. A outra faceta de aproximação entre “fala da rua” e “fala especializada” está no projeto São Pedro da Rede, que busca evidenciar a produção da notícia versus interesses por trás da notícia. Por este ângulo estaríamos revelando aqui um meio jornalístico alternativo e,

portanto, defendido por Pascual Serrano e que, ao mesmo tempo, vai de encontro com a ‘crítica de mídia’ analisada por José Luiz Braga.

Com isso percebemos a necessidade de entrosamento entre mídia e esfera social para a construção de um debate ininterrupto, pois aí pode estar a resposta para o descrédito muitas vezes sentido no jornalismo atual. A desconfiança de uma crítica comprada surge imediatamente quando há um (des)favorecimento visível de um personagem que pode ou não ter ligação com o poder político e/ou econômico, assim como o autor de determinada crítica. E para reconhecer tais interesses será preciso vivenciar na prática a construção da notícia. As experiências relatadas mostram que a necessidade de fortalecer a crítica entre os leitores urge e é possível por meio de mídias alternativas. Mas é preciso lembrar que este exercício só será possível quando jornalistas e sociedade reconhecerem as lacunas éticas ainda existentes dentro da grande mídia.

REFERÊNCIAS

REDE, São Pedro na. Ouro Preto. 2014. Disponível em: <<http://saopedronarede.wix.com/saopedronarede>> Acessado em 22/08/2014 às 22:54:16

UFOP. Disciplina Crítica de Mídia. 2012. Disponível em: <<http://www.jornalismo.ufop.br/criticademidia/>> Acessado em 16/08/2014 às 13:22:45

BRAGA, J. L. **A sociedade enfrenta sua mídia**. São Paulo: Paulus, 2006.

MORAES, D.; “**Ativismo em rede: comunicação virtual e contra-hegemônica**”. In: A batalha da mídia: governos progressistas e políticas de comunicação na América Latina e outros ensaios. Rio de Janeiro: Pão e Rosas, 2009, p. 231-261.

RAMONET, I. **Meios de comunicação: um poder a serviço de interesses privados?** In: MORAES, D.; RAMONET, I.; SERRANO, P. Mídia, poder e contrapoder: da concentração monopólica à democratização da comunicação. São Paulo: Boitempo; Rio de Janeiro: FAPERJ, 2013.

SERRANO, P. **Outro jornalismo é possível na internet**. In: MORAES, D.; RAMONET, I.; SERRANO, P. Mídia, poder e contrapoder: da concentração monopólica à democratização da comunicação. São Paulo: Boitempo; Rio de Janeiro: FAPERJ, 2013.